

FATORES DE RISCO DO TRABALHO ASSOCIADOS AO HISTÓRICO DE DEPENDÊNCIA OU ABUSO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM PACIENTES INTERNADOS EM CENTROS DE RECUPERAÇÃO

WORK RISK FACTORS ASSOCIATED WITH THE HISTORY OF ADDICTION OR ABUSE OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES IN PATIENTS IN RECOVERY CENTERS

Roberto Moraes Cruz

Doutor em Engenharia de Produção, Professor da Graduação e Pós Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Laboratório Fator Humano (UFSC)

Carla Maria Wojcikiewicz Caldas Baumer

Mestre em Psicologia (UFSC), Professora da Faculdade de Pato Branco

Felipe Basso Silva

Graduando em Psicologia

Tais Evangelho Zavareze

Psicóloga Especialista em Avaliação Psicológica, Assistente de Pesquisa Laboratório Fator Humano (UFSC)

Marisete Maria Welter

Psicóloga, Assistente de Pesquisa Laboratório Fator Humano (UFSC)

Correspondência

Servidão Alípia Santana Martins, nº 40, Bairro Pantanal

Florianópolis/SC - CEP: 88040-180

e-mail: robertocruz@cfh.ufsc.br

e-mail: carlabaumer@fadep.br

e-mail: felipebassosilva@gmail.com

e-mail: taiszavareze@gmail.com

e-mail: marisete_psico@yahoo.com.br

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo caracterizar os fatores de risco do trabalho, associados ao histórico de dependência ou abuso de substâncias psicoativas. Para tanto, foi utilizado um instrumento que se constituiu de uma escala tipo Likert, composta de 62 afirmativas, criadas a partir do levantamento bibliográfico a respeito do tema, e de um questionário estruturado destinado à investigação das variáveis sócio-ocupacionais e de consumo de drogas. A população foi composta por 125 indivíduos diagnosticados como dependentes ou abusadores de substâncias psicoativas, pacientes de 4 centros de recuperação e membros de uma irmandade de ajuda mútua da Grande Florianópolis. Foi realizada uma revisão dos conceitos de abuso e dependência de substâncias psicoativas, trabalho, estresse, além da elaboração do estado da arte da relação entre os temas propostos. Os resultados obtidos apontam fatores associados à organização do tempo de trabalho, pressão, rotina, controle, ganhos financeiros, desemprego e exigência física como sendo de alto risco para o abuso e a dependência de substâncias psicoativas, quando em consonância com os demais sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos característicos da dependência.

PALAVRAS-CHAVE

Dependência química. Substâncias psicoativas. Trabalho.

ABSTRACT

The goal of the present study is to characterize the work risk factors associated to the history of psychoactive substances abuse or addiction. To this end, we used an instrument that consisted of a Likert scale, with 62 affirmatives, created from the bibliographical survey regarding the issue, and of a questionnaire aimed at the investigation of the social and occupational variables and the drugs usage variable. The population consisted of 125 individuals with addiction diagnosis or abuse of psychoactive substances, originating from 4 recovery centers and members of the Alcoholics Anonymous of the Greater Florianópolis. The theoretical concepts of abuse and addiction to psychoactive substances, work and stress were revised. We also had the preparation of the state of the art of the relationship among the proposed issues. The results pointed toward factors associated to the organization of the work time, pressure, routine, control, financial earnings, unemployment and physical demand as being of high risk for the abuse and the dependence of psychoactive substances, when in consonance with the other cognitive, behavioral and physiological symptoms that are characteristics of the addiction.

KEY WORDS

Chemical addiction. Psychoactive substances. Work.

INTRODUÇÃO

A dependência e o abuso de substâncias psicoativas têm sido assuntos amplamente discutidos em todos os âmbitos da sociedade e meios de comunicação em função da magnitude de seus custos para a sociedade. Suas conseqüências perpassam todas as esferas sociais e os problemas relacionados a este fenômeno aparecem no trânsito, nas famílias, nas relações interpessoais de um modo geral, nas escolas, no ambiente e nas relações de trabalho.

As políticas de atenção ao consumo de substâncias psicoativas no trabalho são embasadas em dados estatísticos que sugerem um importante custo econômico e social deste problema. Vaissman (2004) salienta que o álcool é a terceira causa de absenteísmo e a oitava para a concessão de auxílio doença e considerado o motivo mais freqüente de acidentes de trabalho. Segundo Magallon e Robazzi (2005) há uma prevalência de 25 a 40% de condutas abusivas de álcool responsáveis por um incremento médio de 5% de acidentes de trabalho.

Um estudo de caso realizado por Roberto et al. (2002), em uma empresa pública de grande porte que apresentava problemas de abuso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas entre seus funcionários, constatou, como fatores associados a esse problema: aumento no número de acidentes de trabalho, sobrecarga dos serviços médicos, faltas, atrasos, excessivas solicitações de licenças-saúde, perda de técnicos habilitados, inúmeros conflitos interpessoais. Silva (2001) acrescenta à lista de problemas causados pelo abuso e dependência de substâncias psicoativas no trabalho os ferimentos, mutilações, incapacidades temporárias ou definitivas, exposição indevida de outrem a perigos, entre outros, e explica que esses problemas têm comprometido a saúde do trabalhador e levado a perdas sociais com reflexos econômicos importantes.

Magallon e Robazzi (2005) evidenciam o fato de algumas ocupações possuírem altos índices de consumo alcoólico problemáticos. Esses índices são provenientes de atividades socialmente desprestigiadas, trabalhos perigosos associados a condições inseguras, trabalhos em que existe altas exigências cognitivas ou que apresentam trabalho monótono, na qual o indivíduo não é capaz de desenvolver as suas habilidades.

Algumas características do trabalho têm sido consideradas como fatores sociais determinantes do abuso e dependência de substâncias psicoativas, principalmente no caso do alcoolismo. Pesquisas apontam a comorbidade entre dependência alcoólica, ansiedade e depressão (ALVES; NOGUEIRA-MARTINS; LARANJEIRA, 2007) além de uma diminuição nas habilidades sociais (ALIANE; LOURENÇO; RONZANI, 2006). Em um estudo com o objetivo de identificar a prevalência e analisar a associação entre comportamentos de risco à saúde, percepção de estresse e auto-avaliação do nível de saúde, em trabalhadores da indústria, Barros e Nahas (2001) observaram maior consumo de álcool entre trabalhadores solteiros, de maior nível educacional e econômico, entre os trabalhadores homens que trabalham durante o dia e entre as trabalhadoras que não têm filhos. Nesse mesmo estudo, o fumo foi significativamente associado à percepção de estresse.

Com relação aos motivos pelos quais as pessoas fazem uso de substâncias psicoativas no trabalho, Roberto et al. (2002) constatam que os indivíduos consomem substâncias psicoativas nas organizações para serem aceitos pelo grupo, para enfrentar os riscos do trabalho, em função dos conflitos existentes nas relações de trabalho e de poder, pela baixa valorização do trabalhador e da atividade exercida, em razão da chefia permitir o uso dessas substâncias no horário de trabalho e em fun-

ção dos próprios chefes se envolverem com o uso dessas substâncias no ambiente de trabalho ou em comemorações festivas. O estudo deste autor indica, ainda, que o consumo de substâncias psicoativas é maior no setor operacional onde o trabalho é mais pesado, de maior risco e com menor salário. Além disso, explica que as substâncias psicoativas são consumidas como uma alternativa para os intervalos das jornadas, em função do tráfico dentro do ambiente de trabalho e pela ausência de limites impostos pela chefia.

O alcoolismo tem sido comumente associado, também, a atividades socialmente desprivilegiadas, com pouca ou nenhuma possibilidade de ascensão profissional e relacionadas a condições insalubres e uso de materiais considerados repugnantes. Embora não haja unanimidade entre a comunidade científica, Vaissman (1999) afirma que o alcoolismo pode ser considerado uma doença profissional quando este for decorrente de determinada ocupação, ou seja, algumas ocupações podem expor o trabalhador a um risco maior de ingerir bebidas alcoólicas em excesso.

Com a proposta de compreender a rela-

ção entre o abuso e a dependência de substâncias psicoativas e fatores do trabalho, Mandell et al. (1992) sugerem quatro modelos para análise da associação entre uso abusivo ou dependência de substâncias psicoativas e trabalho de acordo com o Quadro I.

Um estudo realizado por Souza e Silveira Filho (2007) salienta que as pesquisas sobre substâncias psicoativas demonstram que uso de álcool, de modo geral, é iniciado na adolescência. A pesquisa de Magallon e Robazzi (2005) confirma também, a relação adolescência e trabalho como fator de risco para o uso abusivo do álcool. Nessa direção Souza e Silveira Filho (2007) ressaltam algumas hipóteses sobre a associação do consumo de álcool com o trabalho entre adolescentes: a influência de trabalhadores mais velhos, a pré-existência do consumo de substâncias psicoativa entre os adolescentes antes da inserção no mercado de trabalho, os fatores estressantes que podem emergir da relação adolescente e trabalho, o baixo compromisso escolar e a transição precoce para o papel de adulto.

A natureza da atividade de trabalho, se-

Modelo	Característica
Modelo estrutural	As características da estrutura do trabalho que produzem estresse ou alienação, levando à ansiedade, aliviada com o beber.
Modelo de Controle social	Sugere que em certas condições de trabalho há pouca inibição quanto ao uso do álcool, além de falta de supervisão e de pouca visibilidade da performance
Modelo da Acessibilidade social	Identifica algumas normas sociais de um determinado grupo no qual o beber atua como fator de socialização dos trabalhadores, sendo que alguns desenvolverão o beber problemático. Neste caso a facilidade de obtenção do álcool etílico é facilitada por certas profissões.
Modelo motivacional	Aponta motivações em que se justificaria o uso do álcool, ou que poderia induzi-lo: as sexuais, de relacionamento social, de nexos com as condições de trabalho e de isolamento social.

Quadro I – Modelos para análise da associação entre uso abusivo ou dependência de substâncias psicoativas e trabalho

gundo Magallon e Robazzi (2005), representam também um risco maior para um consumo de álcool, devido às condições inseguras, o tempo de trabalho excessivo e alta exigência emocional no caso da responsabilidade pela vida humana, como em trabalhadores de segurança pública. De acordo com Michel (2001), o abuso de substâncias psicoativas pode instalar-se em função do tipo de trabalho exercido e das pressões e solicitações que o ambiente de trabalho possa proporcionar nesse sentido. Seria o caso, por exemplo, dos motoristas de caminhão que fazem uso de anfetaminas (os chamados “rebites”) para que possam dirigir por várias horas, sem a necessidade de dormir. O uso contínuo dessa substância pode levar à dependência.

Com relação ao papel das organizações como fator de risco para o uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas, Roberto et al. (2002) explicam que as organizações se estruturam a partir de padrões de relacionamento nos quais o consumo de substâncias psicoativas pode se cristalizar de tal forma a adquirir a significação de “congregar, proteger, liberar e fortalecer”. É importante, portanto, analisar a cultura organizacional para que se tenha indícios das origens do problema na organização, a fim de que se possa otimizar a intervenção nesse ambiente. Propõem, além disso, um olhar para o consumo de substâncias psicoativas no local de trabalho de um lado como algo particular, na medida em que cada sujeito tem uma história pessoal que o predispõe às escolhas singulares, e, de outro, identificando o que, na organização, favorece o uso de drogas, considerando o contexto social como um dos elementos determinantes na constituição do problema.

MÉTODOS

A pesquisa foi realizada com dados ex-post-facto, podendo ser caracterizada como de natureza descritiva, a qual teve por objetivo verificar a incidência (GIL, 1991) dos fatores de risco associados ao histórico de dependência ou abuso de substâncias psicoativas na população selecionada. Os participantes são membros de uma irmandade de ajuda mútua, residentes em três fazendas de recuperação e pacientes de uma clínica psiquiátrica, localizados na região da Grande Florianópolis. A população estudada (n=125) foi composta de adultos, sendo considerados participantes da pesquisa indivíduos que estivessem ou trabalhando ou afastados temporariamente do trabalho, ou aposentados ou desempregados, diagnosticados como dependentes de substâncias psicoativas.

Foi realizada observação indireta, com uso de questionário estruturado auto-aplicável¹, estruturado em duas partes distintas, sendo a primeira um inventário e, a segunda parte, um questionário estruturado. O inventário é constituído por 62 afirmativas que relacionam o uso de substâncias psicoativas a situações e comportamentos no trabalho, respondida com base em escala tipo Likert: “Nunca, Quase Nunca, Às vezes, Quase sempre e Sempre”, havendo, também, a opção de resposta “Não se Aplica”. A escala utilizada foi elaborada a partir da coleta de diferentes comportamentos preditores da relação álcool e trabalho. Os aspectos teóricos subjacentes às afirmativas foram organizados de acordo com as hipóteses de Mandell et al. (1992) para análise da relação entre uso abusivo ou dependência de substâncias psicoativas e o trabalho.

A segunda parte do instrumento de coleta

¹ Para saber mais detalhes a respeito do questionário, assim como seus primeiros indícios de validação, ver Baumer (2004).

de dados foi um questionário estruturado utilizado para medir as características sócio-ocupacionais e as características do uso de substâncias psicoativas e do tratamento dos participantes da pesquisa. Esses dados foram importantes no sentido de caracterizar a população estudada.

RESULTADOS

O perfil etário da população estudada correspondeu a faixa de 14 a 65 anos, com predominância do sexo masculino (81,6%). As ocupações foram categorizadas de acordo com a Tabela 1:

Tabela 1 – Distribuição da população de acordo com as características ocupacionais: tipo de ocupação, turno de trabalho e tempo de serviço na ocupação (n= 125)

Características Ocupacionais	f	%	Tempo de serviço (em meses)	
			Média	Desvio Padrão
<i>Ocupação Profissional</i>				
Sector de serviços	46	36,8	100,2	103,2
Serviço técnico especializado	20	16,0	133,2	126,3
Comércio	18	14,4	108,6	107,4
Serviços administrativos	18	14,4	134,2	125,9
Sector industrial	11	8,8	34,2	46,9
Outros	7	5,6	21,9	18,9
Não respondeu	5	4,0	10,6	10,6
<i>Turno de Trabalho</i>				
Manhã e Tarde	66	52,8	98,3	103,7
Manhã, Tarde e Noite	22	17,6	143,3	137,1
Tarde	15	12,0	81,7	102,2
Noite	8	6,4	43,5	80,9
Manhã	7	5,6	56,2	89,3
Tarde e Noite	4	3,2	81,8	71,9
Manhã e Noite	3	2,4	96,0	72,9
Total	125	100,0	--	--

A maior parte dos participantes (36,8%) se insere na categoria setor de serviços, que compreende às seguintes ocupações: mecânico/eletricista de autos, latoeiro, pintor, relojoeiro, eletricista, marceneiro, marmoeiro, ourives, motorista, pedreiro, vigia, empregada doméstica, babá, entregador de jornal, laminador de prancha, serviços gerais, chaveiro, músico, dedetizador, garçom, chefe ou auxiliar de cozinha, segurança pública (militar/poli-

cial rodoviário).

O tempo de serviço na ocupação variou de 1 mês a 38 anos. Com relação ao turno de trabalho 52,8% referiu trabalhar pela manhã e à tarde seguido pelo número dos que alteram turnos de trabalho entre manhã, tarde e noite (17,6%). A maior parte dos participantes (64%) referiu descanso semanal fixo. A necessidade de vigília para a realização das atividades de trabalho foi referida por 23,2%.

O moderado controle externo sobre o trabalho foi indicado por 34,3% e a ausência de controle externo sobre as atividades foi referida por 31,2% dos participantes.

Com relação ao tipo de exigência requerida na atividade, tanto a exigência física (47,2%) quanto às exigências intelectual (45,6%) e emocional (51,2%) foram avaliadas como moderadas pela maior parte dos sujeitos. A exigência intelectual também foi definida como alta por uma parcela considerável (40,8%) e a exigência física foi definida como baixa por 31,2%.

Os participantes referiram utilizar as seguintes substâncias psicoativas: álcool, lança-perfume, cola de sapateiro, ópio, heroína, cigarro, cocaína, crack, as anfetaminas comercializadas como medicamentos, maconha, LSD, ecstasy e os chás de cogumelos. A substância utilizada pelo maior número de participantes foi o álcool (95,2%), seguida pelo cigarro (85,6%). Vale ressaltar, também, que a maior parte da população fazia uso, além das substâncias lícitas, de cocaína (65,6%) e maconha (62,4%). Os respondentes encontravam-se, no momento da pesquisa, em abstinência de todas as substâncias, com exceção do cigarro (63,2% não estavam em abstinência), fato esse explicado em função de todos os centros de tratamento onde foi realizado este estudo permitirem o fumo para os pacientes.

A cocaína e o crack foram utilizados principalmente por trabalhadores do comércio (77,8%), de escritório (83,3%) e de outras atribuições (100%), das quais fazem parte estudantes, donas de casa, bicheiro, pastor evangélico e biscateiro, essa última categoria também foi a principal consumidora de maconha (85,7%). Os trabalhadores da indústria são os que apresentam a maior taxa de consumidores de alucinógenos (18,2%) e de solventes e inalantes (27,3%). As anfetaminas apareceram como sendo utilizadas majoritari-

amente por funcionários de escritório e prestadores de serviço técnico especializado. Pode-se perceber uma tendência, em todas as categorias de ocupação profissional, ao uso combinado de várias substâncias, em especial álcool, cigarro, cocaína e maconha.

Apesar da predominância do tipo de descanso semanal fixo, a maior parte dos que possuem descanso semanal flutuante utilizava álcool e cigarro, enquanto 29 dos 45 participantes que alternam seu dia de descanso utilizavam cocaína, crack ou merla e maconha. A intensidade do controle externo sobre as atividades de trabalho foi considerada moderada pela maioria, com exceção dos que faziam uso de anfetamina, dos quais 50% afirmaram não sofrer controle de nenhum tipo sobre suas atividades e dos participantes que utilizavam alucinógenos 46,2% definiram o tipo de controle como sendo alto.

Em relação à necessidade de vigília, houve predominância da resposta não para todos os tipos de substância psicoativa utilizadas, porém, a quantidade de participantes que necessitam ficar sem dormir em função do trabalho e que utilizavam álcool, cigarro, cocaína, crack ou merla e maconha foi maior do que os que têm necessidade de vigília e não consumiam tais substâncias. No caso do cigarro, a quantidade de participantes que possuem essa característica de trabalho e ainda fumam apresentou-se maior que a quantidade de pessoas que nunca fumaram ou estão em abstinência e que trabalham em tais condições.

A maior parte dos participantes referiu como moderados os diversos tipos de exigências. Dos que estão em abstinência do cigarro, 42,9% aferiram baixa exigência física seguidos por 39,3% que indicaram esta como moderada. Já 48,1% indicaram alta exigência intelectual no trabalho. Os participantes que nunca fizeram uso de maconha e cocaína, em sua maioria (46,8% e 46,5% respectivamente

te) referiram também alta exigência intelectual, enquanto os que faziam uso de solventes e inalantes referiram exigência física entre baixa (42,1%) e moderada (36,8%) e alta exigência intelectual no trabalho (52,6%). Isto sugere que o consumo de cigarro, solventes e inalantes ocorre entre indivíduos com baixa ou moderada necessidade de esforço físico e manutenção de postura corporal e a alta necessidade de memorização e raciocínio para a realização das atividades de trabalho.

Quanto aos fatores de controle social 38,4% responderam nunca sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas em função da permissão da chefia e 32% em função do uso das mesmas pela chefia. Contudo, pode-se observar que nas duas afirmativas a segunda maior porcentagem de respostas (23,2% e 19,2%, respectivamente) foi para a alternativa não se aplica, ou seja, as chefias não permitem ou não utilizam essas substâncias no ambiente de trabalho. Vale ressaltar que houve uma porcentagem significativa de respostas sempre (20% e 16%); em alguns dos questionários em que essa resposta ocorreu os participantes fizeram uma observação escrita, explicando estar se referindo ao uso ou permissão do uso de cigarro.

Em todas as alternativas relacionadas aos fatores de acessibilidade social houve predominância da resposta nunca, o que corresponde dizer que uma parcela importante da população nunca sente vontade de consumir substâncias psicoativas em função da facilidade de acesso a essas substâncias no local de trabalho ou confraternizações. Outro ponto a ser ressaltado dessa categoria é a alta porcentagem de respostas não se aplica em todos os itens. Tal fato indica que estes fatores não fazem parte do cotidiano do trabalho de uma parte significativa da população estudada, o que pode ser elucidado através das ocupações dos participantes visto que dos 125, apenas 15 atuam

em profissões que possivelmente tem contato com substâncias psicoativas.

No que diz respeito à categoria isolamento social, pode-se constatar que houve predominância das respostas nunca (30,4%), porém 28% referiram sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas algumas vezes em que permanece isolado por força de suas atividades de trabalho. Quanto à categoria reconhecimento a maior parte da população (28,8%) respondeu às vezes sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas quando não se sente reconhecido por seu trabalho. Contudo, a quantidade de respostas nunca (20%) também foi significativa. Na categoria concorrência com colegas houve predominância dos participantes que afirmaram nunca sentir vontade de consumir substâncias psicoativas em função da necessidade de concorrer com algum colega para obtenção de cargos, gratificações ou tarefas (35,2%). Com relação à categoria conflitos interpessoais, o desejo do uso de substâncias psicoativas propiciado pela discussão com algum colega de trabalho foi referido por 28% como ocorrendo às vezes, por 25,6% como nunca e por 24% como sempre. A agressão física foi definida por 40,8% como nunca incitando o consumo de substâncias psicoativas, e por 24% como ocorrendo às vezes. A pequena porcentagem de respostas não se aplica, principalmente no item relacionado à discussão com colegas de trabalho (6,4%), que mede a categoria conflitos interpessoais, sugere que este fator é presente no trabalho da maior parte dos participantes. Os conflitos nas relações de poder no ambiente de trabalho não apareceram, na população estudada, como fatores que expõem ao desejo de uso de substâncias psicoativas.

Os itens da categoria ambiguidade de papéis obtiveram uma maior porcentagem de respostas nunca (37,6% e 42,4%), entendendo-se, que esta dimensão não é motivadora

do uso abusivo de substâncias psicoativas. Na população estudada é perceptível que o desejo de utilizar substâncias psicoativas é proporcional à valorização de seu trabalho, ou seja, 33,6% dos participantes referiram nunca sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas quando percebem que sua profissão não é valorizada socialmente, seguidos pelos que às vezes sentem vontade por esse motivo (31,2%). Inversamente, 26,4% referiram ter vontade de utilizar substâncias psicoativas sempre que percebem que sua profissão é valorizada socialmente e 24% referiu às vezes.

Com relação à categoria condições ambientais 25,6% dos participantes referiram nunca sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas em função de desconforto causado pelo ambiente físico de trabalho, sendo que 21,6% responderam ter desejo de utilizar essas substâncias às vezes e 18,4% afirmaram não se sentir desconfortável. Em termos qualitativos, portanto, as condições ambientais não apareceram como suscetibilizando fortemente o uso de substâncias psicoativas na população estudada. Quanto às condições de salubridade, uma parcela significativa respondeu nunca sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas em função do excesso de sujeira no ambiente (35,2%) ou do contato com materiais repugnantes no trabalho (32,8%). Entretanto, foi alta a porcentagem de participantes (32,8%) que referiram que o contato com agentes químicos ou materiais repugnantes não está presente em suas atividades de trabalho. Da mesma forma, 33,6% referiram nunca sentir desejo de utilizar substâncias psicoativas em função da necessidade de realizar atos repugnantes no trabalho, e uma parcela significativa (27,2%), respondeu que essa afirmativa não se aplica à sua realidade de trabalho. Com relação à percepção de risco à saúde, 26,4% referiram nunca ter vontade de utilizar substâncias psi-

coativas em função da percepção de risco potencial à saúde física e 37,6% afirmaram nunca sentir desejo de consumo de substâncias psicoativas em função da percepção de risco à saúde mental, embora uma parcela significativa dos participantes não perceba risco no trabalho para sua integridade física (21,6%) ou mental (26,4%).

Em relação à organização do tempo de trabalho, 38,4% da população referiu ter vontade de utilizar substâncias psicoativas sempre que trabalha durante o dia - sendo que 93,6% referiram trabalhar pela manhã ou à tarde - e sempre que está no intervalo da jornada de trabalho (30,4%). Uma grande parcela (30,4%) referiu ter desejo de consumir essas substâncias às vezes quando é necessário trabalhar no dia de descanso. A maior parte dos participantes não trabalha no período da noite, sendo que do restante deles, 22,4% indicou às vezes sentir desejo de utilizar substâncias psicoativas pela necessidade de trabalho noturno e 20% indicou nunca sentir vontade de utilizar por esse motivo. O fato de não ter intervalo durante a jornada de trabalho foi indicado como nunca suscitando o desejo de consumo de substâncias psicoativas em 25,6% da população e 25,6% indicaram que esse fator não se aplica à sua estrutura de trabalho.

No que diz respeito ao controle externo sobre o trabalho 32,8% dos participantes responderam sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas sempre que se sentem controlados no trabalho e 32,8% afirmaram ter desejo de utilizar essas substâncias às vezes. Vale ressaltar que somente 17,6% afirmaram sofrer alto controle por parte das chefias, o que suscita a hipótese de que a ausência de controle cotidiano sobre a atividade de trabalho transforma o controle esporádico em fator estressante que suscetibiliza o consumo de substâncias psicoativas.

Com relação às metas de rendimento, 25,6% têm vontade de utilizar essas substâncias às vezes, quando não conseguem alcançar as metas propostas pelas chefias e 39,2% têm esse desejo sempre que conseguem alcançar tais metas. Com relação à percepção de que as potencialidades não estão sendo suficientemente aproveitadas no trabalho que realizam 29,6% informou às vezes ter desejo de consumir substâncias psicoativas por esse motivo e 30,4% referiram nunca sentir vontade em função de não se sentirem participantes das tomadas de decisão no trabalho. Em contraponto, 34,4% da população informou ter desejo de fazer uso dessas substâncias sempre que percebe que seu trabalho torna-se rotineiro e às vezes, quando ocorre algum evento que faz com que saiam da rotina de trabalho (31,2%).

No que diz respeito à solicitação para manter-se alerta, apesar da maior parte da população não referir necessidade de ficar em vigília em função do trabalho, 24,8% dos participantes indicaram sentir desejo de utilizar substâncias psicoativas às vezes quando isso acontece.

Com relação à categoria mudanças tecnológicas 28% referiram sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas às vezes quando há imposição de mudanças no trabalho e 32% afirmaram sentir esse desejo às vezes quando não ocorrem as modificações necessárias em seu trabalho. Pode-se inferir, com base na teoria, que esta categoria suscita o consumo de substâncias psicoativas, seja pela imposição ou pela necessidade de mudanças na forma de realização do trabalho. Contudo, o mesmo não pode ser afirmado a respeito da dificuldade em acompanhar as mudanças que ocorrem no trabalho, em função de haver a mesma frequência de participantes (28%) que afirmaram às vezes utilizar substâncias psicoativas em

função do não acompanhamento das mudanças e nunca fazer uso em função desse aspecto.

Os dados mostram que 30,4% da população estudada referiram ter vontade de usar substâncias psicoativas sempre que percebe que seu salário não é suficiente para pagamento de suas contas. De modo contrário, 31,2% nunca sente desejo de consumo dessas substâncias quando sobra dinheiro de seu salário. Para os participantes da pesquisa, portanto, a necessidade financeira contribui para o consumo de substâncias psicoativas. Com relação ao risco de desemprego, 32% da população sempre têm vontade de utilizar substâncias psicoativas quando se sente em risco de perder o emprego, seguido por 22,4% que referiram sentir desejo de utilizar essas substâncias às vezes nessa situação.

Todos os significados do uso de substâncias para a organização, definidos pela revisão de literatura: união, proteção, liberdade e fortalecimento obtiveram maior porcentagem de respostas nunca (34,4%, 44%, 36% e 31,2%, respectivamente).

Os resultados demonstram que 24,8% dos pesquisados às vezes têm vontade de consumir substâncias psicoativas quando têm a oportunidade de obter um cargo mais elevado, seguido por 22,4% que nunca sentem desejo de fazer uso por essa razão. Da mesma forma, 28% às vezes sentem desejo de consumir substâncias psicoativas quando percebem que suas possibilidades de ascensão profissional são mínimas, seguido por 20,8% que nunca têm vontade de usar por essa razão; além disso, 20% indicaram que essa situação não se aplica à sua situação de trabalho.

Quanto às exigências de trabalho, a alta exigência física suscita o desejo de consumir substâncias psicoativas às vezes em 30,4% da população e sempre em 29,6%, sendo que, de acordo com o exposto anteriormente, so-

mente 21,6% referiram alta exigência física em suas atividades de trabalho. Já a alta exigência intelectual (40,8%) faz com que 27,2% da população às vezes sinta desejo de utilizar essas substâncias e que 23,2% nunca sinta tal desejo, e a baixa exigência intelectual (13,6%) está relacionada à ausência do desejo de uso de drogas em 29,6% dos casos e ao desejo de consumo periódico em 21,6%. Da mesma forma, a exigência emocional, considerada alta por 33,6% da população e moderada por 51,2%, faz com que 30,4% dos participantes às vezes sinta vontade de consumo dessas substâncias quando se sente frustrado com o trabalho e que 23,2% nunca sinta desejo de utilizar por essa causa. As situações de emergência no trabalho estão associadas ao desejo de consumo periódico de drogas em 32% dos casos e à ausência de vontade de usar em 26,4% dos casos.

CONCLUSÃO

Com base na descrição do grupo estudado, pode-se verificar que a cocaína, o crack foram utilizados principalmente por trabalhadores do comércio, de escritório e de outras atribuições profissionais, essa última categoria também foi a principal consumidora de maconha. Os trabalhadores da indústria foram os que apresentaram a maior taxa de consumidores de alucinógenos e de solventes e inalantes. As anfetaminas apareceram como sendo utilizadas principalmente por funcionários de escritório e prestadores de serviço técnico especializado. Tais dados corroboram a afirmação de Michel (2001), segundo o qual o abuso de substâncias psicoativas pode instalar-se em função do tipo de trabalho exercido e das pressões e solicitações que o ambiente de trabalho possa proporcionar nesse sentido. As indicações do autor embasam as conclusões do

presente trabalho e dão suporte às diferentes características do consumo de substâncias psicoativas dos trabalhadores encontradas entre as diversas ocupações, em função das exigências e organização do trabalho peculiares a cada ocupação ou profissão específica.

Os conflitos nas relações interpessoais foram indicados por Roberto et al. (2002) como suscetibilizando o consumo excessivo de substâncias psicoativas, fato que corrobora com os resultados obtidos na população estudada, que indicou, em sua maioria, ter desejo de utilizar substâncias psicoativas sempre ou às vezes quando discute com colegas de trabalho.

Nassif (2002) afirma que o trabalho em turnos e o trabalho noturno podem ser considerados fatores de risco para a dependência ou abuso de substâncias psicoativas. Da mesma forma, uma alta porcentagem de participantes referiu sentir vontade de utilizar substâncias psicoativas sempre que trabalha durante o dia, ao passo que foi grande o número de participantes que indicaram às vezes ter desejo de consumir essas substâncias pela necessidade de trabalho noturno, o que confirma o exposto pelos autores. Roberto et al. (2002) explica que as substâncias psicoativas são consumidas também como uma alternativa para os intervalos das jornadas de trabalho, afirmação corroborada pelos resultados obtidos, em que uma parcela significativa da população referiu utilizar tais substâncias sempre que está em intervalo da jornada de trabalho.

A solicitação para manter-se alerta ou em vigília é indicada por Mandell et al. (1992) como um dos fatores de risco para o consumo de substâncias psicoativas relacionados à estrutura do trabalho, afirmação confirmada pelos resultados obtidos, que mostram a necessidade de vigília no trabalho

como sendo fator de risco para o consumo de álcool, cigarro, cocaína, crack e maconha.

Os resultados da pesquisa sugerem como fatores de risco para o uso abusivo e a dependência de substâncias psicoativas o trabalho diurno, o trabalho em turnos, a ausência de controle externo sobre as tarefas, o controle esporádico sobre as atividades de trabalho, a rotinização do trabalho, a forma como são realizados os intervalos durante a jornada de trabalho, o baixo salário, o risco de desemprego, a pressão para atingir metas, a ausência de mudanças na forma de realizar o trabalho e a exigência física esporádica.

Vale ressaltar também a existência de fatores de risco de natureza familiar, social, genética, cultural e ambiental que, apesar de não se enquadrarem no objetivo deste estudo, são de fundamental importância para o entendimento global do fenômeno do abuso e dependência de substâncias psicoativas, no sentido em que o trabalho é somente uma parte da totalidade da vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALIANE, P. P.; LOURENÇO, L. M.; RONZANI, T. M. Estudo comparativo das habilidades sociais de dependentes e não dependentes de álcool. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 83-88, jan./abr. 2006.
- ALVES, H. N. P.; NOGUEIRA-MARTINS, L. A.; LARANJEIRA, R. R. A pioneering experience in Brazil: the creation of a support network for alcohol and drug dependent physicians. A preliminary report. **Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria**, v. 29, p. 2395, 2007.
- BARROS, M. V. G.; NAHAS, M. V. Comportamento de risco, auto-avaliação do nível de saúde e percepção de estresse entre trabalhadores da indústria. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, n.6, p. 554-63, 2001.
- BAUMER, C. **Fatores de risco do trabalho associados ao histórico de dependência ou abuso de substâncias psicoativas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- MAGALLON, T. J.; ROBAZZI, M. L. Consumo de álcool em trabalhadores de uma indústria em Monterrey, México. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 13, p. 819-826, 2005.
- MANDELL, W. et al. Alcoholism and occupations: a review and analysis of 104 occupations. **Alcoholism: clinical and experimental research**, n. 4, p. 16734-46, 1992.
- MICHEL, O. **Controle do uso de drogas causadoras de dependência e lesões entre trabalhadores**. São Paulo: LTr, 2001.
- NASSIF, L. E. **Um caso de dependência alcoólica e suas possíveis relações com o trabalho: um estudo de psicopatologia no trabalho**, v. 4, n.1,2, p.16-21, 2002.
- ROBERTO, C. et al. Drogas e trabalho: uma proposta de intervenção nas organizações. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, n. 1, p. 18-29, 2002.
- SILVA, J. L. B. **Educação preventiva ao uso indevido de drogas no trabalho**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.
- SOUZA, D. P. O.; SILVEIRA FILHO, D. Uso recente de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes adolescentes, trabalhadores e não trabalhadores. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 2, p. 276-287, 2007.
- VAISSMAN, M. **Alcoolismo e ocupação: o caso dos mestres cervejeiros**. Trabalho selecionado para apresentação como tema-livre no 13º Congresso da Associação Brasileira de Álcool e outras Drogas, em agosto de 1999.
- VAISSMAN, M. **Alcoolismo no trabalho**. Rio de Janeiro: Garamond. (Coleção Loucura, XXI). 2004.

